

Novas opções para ajuda a endividados

MOISÉS RABINOVICI
Nosso Correspondente

WASHINGTON — Na última reunião do comitê interino do FMI, o secretário do Tesouro norte-americano, James Baker III, sugeriu que os bancos internacionais desenvolvessem um menu de opções financeiras para ampliar os empréstimos para os países em desenvolvimento. A sugestão foi repetida na reunião dos países industrializados em Veneza, no começo do mês. Agora, já existe este menu. E temperado com otimismo.

O menu não é a la carte, como queria o então ministro Dáilson Funaro, e nem oficial. Ele foi preparado pelo economista William R. Cline, do Instituto de Economia Internacional, e apresentado à imprensa, ontem pela manhã, em Washington.

O menu de Cline são algumas técnicas para novos financiamentos aos países devedores, reunidas e detalhadas num livro de 92 páginas editado pelo Instituto de Economia Internacional. Os ingredientes de todos os "pratos" oferecidos incluem o aumento das reservas dos maiores bancos americanos contra empréstimos problemáticos, a sobrevivência do Plano Baker, a moratória brasileira e os recentes empréstimos obtidos pela Argentina e pelo México.

AS PROPOSTAS

O livro destaca oito propostas principais para ampliar os emprésti-

mos ao Terceiro Mundo: 1) — Títulos. Cline considera desejável que os bancos substituam seus empréstimos diretos pela compra de títulos dos governos dos países devedores; 2) — Capitalização dos juros. Aqui, ele propõe um limite no volume de operações, para evitar o risco de uma tendência: a capitalização unilateral pelos países devedores; 3) Reempréstimo (**On-lending**). Neste caso, os bancos sentiriam-se mais atraídos se pudessem canalizar seus créditos diretamente ao setor privado, incluindo as multinacionais. O dinheiro seria destinado ao Banco Central, que então o transferiria; 4) — "**Exit bonds**", ou títulos com os quais um banco deixa o País que não será capaz de pagar sua dívida em bases comerciais, mesmo a longo prazo. O modelo é o bônus de 25 anos apresentado pela Argentina; 5) — Conversão da dívida em investimento; 6) — Fundos contingentes. Num novo pacote, a contingência de que a taxa de crescimento do país poderá cair abaixo do nível projetado (como causa, por exemplo, do aumento do preço do petróleo) ou acima das expectativas (que corresponderia a um corte dos empréstimos); 7) — Taxas de juros fixas. Só para evitar aumento de juros aos países devedores no futuro e 8) — **Minimis exception**, em que os bancos menores têm permissão para não entrar em novos pacotes.

O livro de Cline conclui que o aumento substancial dos empréstimos oficiais, particularmente os do Banco Mundial, é "um componente essencial de qualquer resposta para o problema internacional da dívida".